

Entre muitas opções, cada um escolhe seu indexador

Enquanto as empresas usam o dólar ou o BTN como indexador dos preços de seus produtos, o comércio varejista também não faz por menos e às vezes cobra em BTN fiscal, como é o caso da loja Forma, de Ipanema, que oferecia esta semana uma capa de sofá por 2,4 mil BTNs fiscais — e dava desconto também em BTN, de forma a que a mercadoria saísse por 2,02 mil BTN fiscais.

Ninguém fica com cruzados novos no bolso, nem mesmo os assalariados de poder aquisitivo mais baixo, que não podem manter seus saldos bancários em contas remuneradas: hoje existe o ticket-restaurant para a alimentação, o vale-transporte para os ônibus

e o ticket-farmácia para a compra de remédios.

Na economia superindexada, cada um usa a referência que mais lhe apraz: o mercado financeiro, por exemplo, prefere o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) calculado pela Fundação Getúlio Vargas especialmente para ele. E é cada vez maior, também, o número de empresas que passaram a adotar seus próprios índices de inflação.

E além disso, estão surgindo os indexadores exóticos, como o que foi utilizado num recente leilão de gado no Rio Grande do Sul: os preços dos animais eram fixados de acordo com a variação dos preços do leite B.